



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Setembro 2024



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

SETEMBRO: Pelo grito da terra

Rezemos para que cada um de nós ouça com o coração o grito da Terra e das vítimas das catástrofes ambientais e da crise climática, comprometendo-nos pessoalmente a cuidar do mundo que habitamos.

A Folha de Oração Sementes de Esperança é uma publicação mensal da ACN Portugal em comunhão com a Igreja que Sofre. As várias rubricas apelam à oração e a um maior conhecimento desta realidade, através de fontes de informação no terreno e contactos exclusivos.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos perseguidos e que sofrem por causa da sua fé.

Para os ajudar, criámos uma grande corrente de oração e distribuímos gratuitamente a Folha de Oração Sementes de Esperança, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, grupo de oração, família, amigos e vizinhos.

Por favor, não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou deixe-a na sua paróquia ou noutro local.



Para tornar possível o envio desta publicação, agradecemos a contribuição anual mínima de 5€.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDAÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © DR; Veni Markovski; © AIS

CAPA *A Exaltação da Santa Cruz*, Adam Elsheimer
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Sobre a Santa Indiferença

Nos tempos mais recentes e por diversas personalidades, tanto da Igreja como da sociedade cultural e política, tem sido dito que um dos dramas do nosso tempo é que, apesar de vivermos na era da comunicação, em que os homens vivem tão perto uns dos outros, não só numa proximidade física, sobretudo nas grandes cidades, mas também pelos meios de comunicação, sobretudo os telemóveis, nunca como hoje se terá vivido em tanta solidão; tão próximos e tão distantes, mesmo incomunicáveis. Mas isto não se dá apenas na sociedade em geral, mas também nas famílias e nas comunidades religiosas. Francisco tem insistido muito neste ponto: vivemos numa cultura da indiferença e da descartabilidade, que é urgente corrigir, ultrapassar. Talvez, por isso, possa parecer estranho que nesta meditação eu aborde o tema da *Santa Indiferença*.

É conhecida a expressão, atribuída a Santo Inácio de Loiola (1491-1556), de que nas mãos de Deus devemos ser como um *cadáver*, ou seja, devemos deixar-nos levar sem resistência para onde a divina Providência nos quiser enviar, como se fôssemos um cadáver. Era para essa disponibilidade que a expressão atribuída a Santo Inácio convidava os Cristãos, o que pressupunha evidentemente uma atitude de fé e de confiança em Deus que justificava este abandono nas Suas mãos “tamquam cadaverem”. Era nessa direção que apontava um poema que cantávamos nos retiros “Experiência de Deus”, orientados pelo capuchinho Inácio Larrañaga (1928-2013), um pregador muito conhecido na década de ‘70 do século passado, que dizia: “Confia nas mãos de Deus e vai!”

A expressão “Santa Indiferença” encontra-se em São Francisco de Sales (1567-1622), no seu “Tratado

do amor de Deus” e traduz o estado de alma do cristão que se sente tão bem junto de Deus, sentindo-se de tal modo amado, que o resto não tem interesse, tanto lhe faz viver num lugar como noutro, é-lhe *indiferente*, desde que esteja sempre com Deus, fruindo da Sua amorosa e divina Presença. Ele tem esta expressão ousada: “Prefiro estar no inferno em obediência, a estar no Céu em desobediência!” Na verdade, o Céu é o lugar onde se está em obediência; o inferno é onde não se obedece a Deus.

Para percebermos o pensamento de São Francisco de Sales devemos recordar-nos da resposta de Jesus ao bom ladrão: “Hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). O Paraíso a que Jesus se refere é o sheol, o lugar dos mortos, o mistério que celebramos no Sábado Santo! Estar com o Senhor, mesmo no lugar dos mortos, é viver no Paraíso, porque Ele mesmo é o Paraíso, o Céu dos bem-aventurados.

Aqui está o sentido da “Santa Indiferença” em São Francisco de Sales, que nós podemos entender melhor se considerarmos a nossa

experiência humana: se estivermos com aqueles que amamos, a quem queremos bem, sejam os familiares ou os amigos de coração, é para nós indiferente estarmos aqui ou noutro lugar qualquer, desde que estejamos com aqueles ou aquele que a nossa alma ama, como se lê no Cântico dos cânticos: “quem esta que sobe do deserto apoiada no seu amado?” (Cant. 8,5).

Na minha vivência humana e espiritual, prefiro a expressão de São Francisco de Sales, que me fez perceber melhor afinal o que pode definir-se numa forma humanamente compreensível o que seja o Céu ou o inferno: aquele é o lugar onde se obedece a Deus, vivendo na Sua Presença; este, o lugar da Sua ausência! Se fôssemos lugares, espaços de presença, como o mundo seria diferente!

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:26.338 km²**População:**

13 milhões

Religiões:

Cristãos: 91,5%

Muçulmanos: 4,8%

Religiões
tradicionais: 3,3%

Outras: 0,4 %

Língua Oficial:Quiniaruanda,
suaíli, francês,
inglês**RUANDA**

A RESSURREIÇÃO EM MOVIMENTO

Trinta anos depois do genocídio que provocou a morte de mais de 800 mil ruandeses, o país continua a sarar as suas feridas com uma extraordinária resiliência. Reconstrói-se, dia após dia, a nível psicológico, espiritual e económico.

Estamos em Kibeho, no sul do Ruanda, a 161 km de Kigali, a capital. As colinas verdejantes estão repletas de bananeiras e milho, parcelas de mandioca e sorgo. As mulheres envergam os seus panos coloridos, as crianças saltitam descalças no meio dos adultos, uns com fato de Domingo, outros com uma simples t-shirt. O céu está cinzento carregado de nuvens

ameaçadoras nesta estação das chuvas. Uma grande igreja em tijolo vermelho eleva-se sobre uma larga esplanada. Ao centro sobressai uma imagem de Nossa Senhora, em madeira, com o terço nas mãos e um longo véu azul até aos pés. O som dos tambores dá o ritmo à voz de centenas de peregrinos que cantam os encantos de Maria, com as mãos erguidas



Trinta anos após o genocídio, os Ruandeses dão testemunhos edificantes de perdão.



Apesar de uma notória recuperação econômica, a pobreza continua a ser uma constante nas zonas rurais.

para o céu. Um pouco mais longe, padres confessam, aqui e ali. No interior da igreja reina o silêncio. Homens e mulheres rezam. Uma mulher chora, ajoelhada. Ela procura aqui, como muitos outros, a consolação de “Nyina wa Jambo” que quer dizer a “Mãe do Verbo”. Foi deste modo que a Virgem Maria se apresentou quando apareceu pela primeira vez, a 28 de Novembro de 1981, a Alphonsine Mumureke, uma jovem estudante, neste local que na altura era a escola da aldeia. As aparições repetiram-se durante oito anos, com intervalos mais ou menos espaçados, a três videntes. Nossa Senhora pedia a conversão, a fé e “rezar sem hipocrisia”, anunciando, se não o cumprissem, “catástrofes inumeráveis e sem fim”. As jovens tinham visões de cadáveres caídos pelo chão e rios vermelhos de sangue. Mais tarde muitos viram nisso a profecia do genocídio perpetrado 13 anos após a primeira aparição. Entre 7 de Abril e 15 de Julho de 1994, foram mortos entre 800 mil e um milhão de ruandeses. Os massacres ocorreram em todo o lado, até no lugar das aparições. Uma das três videntes Marie Claire faz parte das vítimas. A Igreja perdeu centenas de sacerdotes, três bispos

dos nove que havia na altura são mortos e outro foi dado como desaparecido. Mas os membros da Igreja não são apenas vítimas. Durante estes meses terríveis em que foi preciso matar para não ser morto, alguns sacerdotes fizeram parte do grupo dos carrascos. Foram depois julgados e condenados pelos seus crimes. Face a este desencadear de violência, muitos cristãos foram provados na sua fé. As estatísticas oficiais da Igreja de então revelarão nos anos que se seguiram uma diminuição acentuada do número de católicos.

Oração

Para que Nossa Senhora continue a abençoar e a fazer milagres entre os seus filhos ruandeses no caminho da sua ressurreição, nós Te pedimos Senhor.

A LOURDES DE ÁFRICA

Trinta anos mais tarde, o santuário continua a ser um lugar maravilhoso de consolação, onde as graças e os milagres abundam. Reconhecidas pela Igreja a 29 de Junho de 2001, as aparições de Kibeho são as primeiras do continente africano a

A Igreja alimenta as crianças espiritual e materialmente.



O Santuário de Kibeho atrai centenas de peregrinos todos os dias.

serem aceites oficialmente, tornando a partir de então o santuário num lugar de renome internacional.

A beleza do lugar que se oferece aos peregrinos contrasta com a sua história tão dolorosa, mas reflecte também a paz para a qual a população trabalha há três décadas. “Nossa Senhora de Kibeho ajuda-nos a perdoar”, assegura o Pe. Hyacinthe Irakoze, director da Comissão Diocesana Justiça e Paz de Cyangugu, no sudoeste do país, cuja mãe, tutsie foi assassinada por ocasião do genocídio, quando ele tinha 7 anos. Juntamente com a Comissão Justiça e Paz, organiza numerosas catequeses sobre o significado do perdão para preparar os corações, tanto das vítimas como dos carrascos. “Quando um criminoso aceita entrar numa caminhada de reconciliação, escreve o seu desejo de pedir perdão numa carta que entrega à comissão. Antes de a entregar ao seu destinatário, vamos primeiro contactar a família e prepará-la”, explica. Em seguida, a equipa acompanha tanto o carrasco como a vítima durante o tempo que for necessário (muitas vezes durante mais de um ano). Depois,

o pedido de perdão é feito oficialmente durante uma Missa, no “Dia da Unidade e Reconciliação”, na presença das duas partes. “O perdão leva tempo, nunca é aceite para sempre, mas, quando é dado de coração, cura as feridas mais profundas”, testemunha o Pe. Hyacinthe. “Penso sobretudo nestes jovens que se casaram recentemente e que conseguiram reconciliar as suas famílias, apesar de o pai do noivo ter morto uma parte da família da noiva!” A Comissão Justiça e Paz de Cyangugu reúne em “centros de unidade e reconciliação” aqueles que aceitam empenhar-se neste processo para os acompanhar espiritual e psicologicamente.

LIBERTAÇÃO DOS DETIDOS

O Pe. Hyacinthe, que também é capelão da prisão de Rusizi, trabalha igualmente com os detidos. Com os 30 anos do genocídio, muitos chegam ao fim da sua pena, explica. É preciso preparar o seu regresso à sociedade civil. “Alguns pensam que com os seus anos de prisão já pagaram e já não devem mais nada à sociedade, nem perdão nem nada. Continuam com o coração



O Ruanda, país das mil colinas, beneficia de um clima temperado e de extraordinárias paisagens que atraem os turistas.

totalmente fechado a qualquer diálogo” lamenta o sacerdote. Outros têm medo ou vergonha de regressar às aldeias onde participaram em assassinatos. Para preparar a sua libertação, a Comissão Justiça e Paz organizou dias especiais de reencontro entre paroquianos e detidos. Para além destes encontros, o sacerdote organizou uma colecta para os presos nas suas paróquias. “Confesso que estava um pouco apreensivo, mas qual não foi o meu espanto ao ver a generosidade dos paroquianos apesar da sua grande pobreza!”, afirma com alegria. Alguns deles aceitaram mesmo visitar os detidos durante um dia de Janeiro. “Nesse dia, diz-nos o capelão, chorei não de tristeza mas de emoção! Um preso disse-me: “Durante 22 anos ninguém me veio visitar, nem mesmo a minha família. E são vocês, as vítimas, que me vêm ver!”

Os membros da comissão pensam também nas gerações seguintes e incluem agora os jovens nestes centros de unidade e reconciliação. Porque o genocídio deixa marcas a longo prazo, explica o sacerdote citando esta passagem de Jeremias (31,29): “Nesses dias, não mais se dirá:

‘Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que ficaram embotados.’” Para além disso, quando uma criança faz perguntas sobre um memorial, e há muitos no Ruanda, como explicar-lhe o genocídio que terminou há pouco sem a traumatizar? Na realidade, o medo de um novo genocídio continua ainda omnipresente. “A ideologia de genocídio e as divisões com base na etnia continuam presentes em certas pessoas”, diz, preocupado, o sacerdote. Daí a importância de incluir os jovens nestas instâncias de diálogo, que também foram criadas em vários colégios e liceus.

Oração

Para que a graça da reconciliação penetre no coração de todos os Ruandeses e chegue também aos mais jovens, nós Te pedimos Senhor.

RESSURREIÇÃO ESPIRITUAL E ECONÓMICA

A Igreja tem um olhar muito atento sobre os jovens. Em primeiro lugar porque a média de idades da população é de 19 anos, mas



A Igreja presta especial atenção ao grande número de jovens do Ruanda, que são o futuro do país.

também porque sabe bem que eles são, como por toda a parte, vítimas da secularização. Atraídos, através das redes sociais, pelas “culturas” do Ocidente, afastam-se de Deus e das questões espirituais. Com a pobreza endêmica e o desemprego, os jovens são também uma presa fácil para as seitas evangélicas que abundam, prometendo curas, riqueza e prosperidade. Mas se são numerosos os que aderem, jovens e menos jovens, são também numerosos a sair. A tal ponto que a Igreja prevê uma “cerimônia de acolhimento” para reintegrar todos os Reconvertidos. “Muitos dizem-me que têm sede de reencontrar a Eucaristia e a Adoração, mas também uma certa interioridade que não existe nestas seitas” afirma o padre. O aumento das vocações religiosas e sacerdotais nestes últimos anos confirma também esta sede espiritual. Pouco a pouco, graças sobretudo às Comunidades Eclesiais de Base que estão muito próximas da população e ao trabalho pastoral de proximidade em torno da família, a Igreja, com os seus 1.160 sacerdotes e os seus 491 seminaristas, reencontra o seu dinamismo anterior ao genocídio.

Paralelamente a esta ressurreição espiritual, o país evidencia uma ressurreição económica. À frente do país desde o fim do genocídio de 1994, como vice-presidente e depois presidente, Paul Kagame não só trabalhou arduamente na reconciliação nacional, mas repôs também o país no caminho certo, combinando reformas económicas, investimentos internacionais e acompanhamentos de iniciativas locais. Como consequência, o crescimento anual fixou-se em média em 7,2% no decorrer da última década, enquanto o PIB por habitante aumentou em 5% apesar da COVID e da guerra da Ucrânia. Com uma fauna e uma flora extraordinárias e um clima temperado o “país das mil colinas” faz tudo para dinamizar o turismo. Empenhou-se na luta pela limpeza, fazendo da capital Kigali a cidade mais limpa de África! Para isso, o Governo reestabeleceu o umuganda, um dia de trabalho comunitário obrigatório no último sábado de cada mês, e castiga com uma forte multa por todo o lixo atirado para o chão. O Estado empenhou-se também com a paridade, a tal ponto que este pequeno país é muitas

vezes citado como um modelo em África em matéria de igualdade homem-mulher, nomeadamente na política. E mesmo se na esfera privada os padrões patriarcais são ainda muito rígidos, o presidente não hesita em evocar a possibilidade de ser um dia substituído por uma mulher. Para isso seria necessário que aceitasse renunciar ao poder, ele que se prepara para disputar um quarto mandato nas próximas eleições de Julho de 2024 (ver Caixa 1). É preciso reconhecer que Paul Kafamé governa o Ruanda com firmeza. O enriquecimento do país beneficia principalmente uma pequena elite, a corrupção é galopante e por detrás de certas vitórias escondem-se verdadeiras misérias humanas.

Os paradoxos são ainda numerosos e os desafios gigantescos mas, apesar de tudo, os progressos são indiscutivelmente imensos no plano económico, social e espiritual, tendo em conta o que era o país há 30 anos. “O nosso país das mil colinas é também um país de mil problemas e de mil soluções, desabafa um sacerdote no terreno. É evidente que o caminho da cura é longo, mas quando vejo hutus e tutsis sentarem-se no mesmo banco da igreja, casar-se entre si ou tirar água da mesma fonte, para mim são verdadeiros motivos de esperança.” Uma Esperança que se ancora no Jubileu que a Igreja do Ruanda acaba de iniciar e que celebrará não apenas os 30 anos do genocídio em 2024, mas também e sobretudo os seus 125 anos de evangelização (ver Caixa 2), com um tema promissor para o futuro do país: “É preciso caminhar com Esperança”.

Oração

Para que o povo do Ruanda seja o verdadeiro beneficiado de todo o progresso e medidas políticas, e desfrute de uma vida cada vez mais digna, nós Te pedimos Senhor.

PAUL KAGAME: REELEIÇÃO PREVISTA PARA 15 DE JULHO

Na liderança do país desde o fim do genocídio de 1994, Paul Kagame, 66 anos, assegura o seu quarto mandato, após ter alterado a Constituição permitindo-lhe governar até 2034. A sua principal adversária, Victoire Ingabire, figura da oposição, aguarda actualmente o restabelecimento dos seus direitos políticos após de ter sido condenada, em 2013, por “conspirar contra as autoridades” e “minimizar o genocídio de 1994”.

PRIMEIRA MISSA CELEBRADA HÁ 125 ANOS

A 20 de Janeiro de 1900, uma caravana de missionários constituída pelos Padres Brancos chega ao Ruanda vinda do Burundi. Nesse mesmo dia, celebram uma primeira Missa em Shangí, no oeste do país. Um mês mais tarde, uma primeira fundação é criada em Mara, no sul do país, e em Abril de 1903, 26 cristãos são baptizados em Save. As primeiras religiosas, as Irmãs Brancas, chegam seis anos mais tarde, em 1909. Depois, a Igreja não pára de crescer. Em Setembro de 1990, receberá o Papa João Paulo II, mas em 1994, uma parte da sua hierarquia é decapitada durante o genocídio. A Igreja reconstruir-se-á aos poucos, especialmente graças às inúmeras vocações sacerdotais e religiosas dos últimos anos.



NOSSA SENHORA DA DEFESA

O primeiro relato da intercessão milagrosa de Nossa Senhora dá-se no ano 572, em Itália, quando defendeu os habitantes da Bacia de *Ampezzano* da invasão dos vizinhos lombardos. Narra a tradição que os habitantes se reuniram, rezaram pedindo a ajuda da Mãe e procuraram defender-se. Ao perceberem a inevitável invasão, invocaram o nome da Virgem Maria.

De repente, Nossa Senhora apareceu sobre as nuvens. Tinha uma espada de fogo na mão direita e segurava o Menino Jesus no braço esquerdo. Em seguida, desceu sobre o local onde aconteceria o massacre. Nesse momento, nuvens espessas causaram enorme escuridão, de tal forma que os godos nada podiam ver. Atordoados e confundidos, começaram a lutar entre si até que, por fim, se destruíram uns aos outros. O povo Italiano, emocionado e agradecido, a partir desse momento passou a invocar a Virgem Maria como Nossa Senhora da Defesa.

No séc. XIV, na cidade já existia uma capela a ela dedicada. Em 1412, ocorreu outra intervenção prodigiosa da Virgem Mãe, que consta dos registros históricos da época. Desta vez, o povo quase desarmado conseguiu travar as tropas do imperador dos godos, que desejava dominar esse território. A vitória foi interpretada como um novo sinal milagroso de Nossa Senhora da Defesa e é recordada até hoje com uma festa nacional e religiosa.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA DEFESA

*Ó Nossa Senhora da Defesa, virgem poderosa,
recorro à vossa protecção contra todos os assaltos
do inimigo, pois sois o terror das forças malignas.*

*Seguro no vosso manto santo e sob ele me refugio para
estar guardado, seguro e protegido de todo o mal.*

*Mãe Santíssima, Refúgio dos pecadores, vós recebestes
de Deus o poder de esmagar a cabeça da serpente
infernai e, com a espada levantada, afugentar os
demónios que querem acorrentar os filhos de Deus.*

*Curvado sob o peso dos meus pecados, venho
pedir a vossa protecção hoje e em cada dia da
minha vida, para que, vivendo na luz do vosso filho,
nosso Senhor Jesus Cristo, eu possa, depois desta
caminhada terrena, entrar na pátria celeste.*

Ámen.



A CRUZ DE JESUS É A NOSSA ÚNICA ESPERANÇA VERDADEIRA!

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A 14 de Setembro a Igreja celebra a **festa da Exaltação da Santa Cruz**. Talvez alguma pessoa não cristã nos pergunte: porquê “exaltar” a cruz? Podemos responder que não exaltamos uma cruz qualquer, ou todas as cruzes: **exaltamos a Cruz de Jesus, porque nela se revelou ao máximo o amor de Deus pela humanidade**. É o que nos recorda o Evangelho de João na liturgia de hoje: “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna.” (3, 16). O Pai “deu” o Filho para nos salvar, e isto significou a morte de Jesus, e morte de cruz. Porquê? Por que foi necessária a Cruz? Por causa da gravidade do mal que nos mantinha escravos. **A Cruz de Jesus exprime as duas coisas: toda a força negativa do mal, e toda a mansidão onipotente**

da misericórdia de Deus. A Cruz parece decretar a falência de Jesus, mas na realidade marca a vitória. No Calvário, quantos o escarneciam dizendo: “Se és Filho de Deus, desce da cruz!” (cf. Mt 27,40). Mas era verdade o contrário: precisamente porque era o Filho de Deus Jesus estava ali, na cruz, fiel até ao fim ao desígnio de amor do Pai. E precisamente por isto Deus “exaltou” Jesus (Fl 2, 9), conferindo-lhe uma realeza universal.

E quando dirigimos o olhar para a Cruz onde Jesus foi pregado, contemplamos o sinal do amor, do amor infinito de Deus por cada um de nós e a raiz da nossa salvação. Daquela Cruz brota a misericórdia do Pai que abraça o mundo inteiro. Por meio da Cruz de Cristo o maligno é vencido, a morte é derrotada, a vida é-nos doada, a esperança é-nos restituída. **Isto é importante: por meio da Cruz de Cristo é-nos restituída a esperança. A Cruz de Jesus é a nossa única esperança verdadeira! Eis por que a Igreja “exalta” a santa Cruz, e eis por que nós Cristãos abençoamos com o sinal da cruz.** Ou seja, nós não exaltamos as cruzes, mas a Cruz gloriosa de Jesus, sinal do amor imenso de Deus, sinal da nossa salvação e caminho rumo à Ressurreição. E é esta a nossa esperança.

Ao contemplar e celebrar a santa Cruz, pensamos com emoção nos tantos irmãos e irmãs nossos que são perseguidos e assassinados por causa da sua fidelidade a Cristo. Isto acontece especialmente onde a liberdade religiosa ainda não está garantida ou plenamente realizada. Mas acontece também em países e ambientes que em princípio tutelam a liberdade e os direitos humanos, mas onde concretamente os crentes, e sobretudo os Cristãos, encontram limites e discriminações. Por isso, hoje os recordamos e rezamos de modo particular por eles.

No Calvário, aos pés da cruz, estava a Virgem Maria (cf. Jo 19, 25-27). É a Virgem das Dores, que amanhã celebraremos na liturgia. A ela confio o presente e o futuro da Igreja, para que todos saibam descobrir e acolher sempre a mensagem de amor e de salvação da Cruz de Jesus

Papa Francisco, Angelus, Praça São Pedro, Domingo, 14 de Setembro de 2014



OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

OS SACRAMENTOS AO SERVIÇO DA COMUNHÃO E DA MISSÃO

O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

337. Qual é o desígnio de Deus acerca do homem e da mulher?

Deus, que é amor e criou o homem por amor, chamou-o a amar. Criando o homem e a mulher, chamou-os, no Matrimónio, a uma íntima comunhão de vida e de amor entre eles, «de modo que já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19,6). Abençoando-os, Deus disse-lhes: «sede fecundos e multiplicai-vos» (Gn 1,28).

338. Para que fins instituiu Deus o Matrimónio?

A união matrimonial do homem e da mulher, fundada e dotada de leis próprias pelo Criador, está por sua natureza ordenada à comunhão e ao bem dos cônjuges e à geração e bem dos filhos. Segundo o desígnio originário de Deus, a união matrimonial é indissolúvel, como afirma Jesus Cristo: «O que Deus uniu não o separe o homem» (Mc 10,9).

339. Como é que o pecado ameaça o Matrimónio?

Por causa do primeiro pecado, que provocou também a ruptura da comunhão do homem e da mulher, dada pelo Criador, a união matrimonial é muitas vezes ameaçada pela discórdia e pela infidelidade. Todavia Deus, na sua infinita misericórdia, dá ao homem e à mulher a sua graça para que possam realizar a união das suas vidas segundo o desígnio originário de Deus.

340. O que é que o Antigo Testamento ensina sobre o Matrimónio?

Deus, sobretudo através da pedagogia da Lei e dos profetas, ajuda o seu povo a amadurecer progressivamente a consciência da unicidade e da indissolubilidade do Matrimónio. A aliança nupcial de Deus com Israel prepara e prefigura a Aliança nova realizada pelo Filho de Deus com a sua esposa, a Igreja.

341. Qual a novidade dada por Cristo ao Matrimónio?

Jesus Cristo não só restabelece a ordem inicial querida por Deus, mas dá a graça para viver o Matrimónio na nova dignidade de sacramento, que é o sinal do seu amor esponsal pela Igreja: «Vós maridos amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja» (Ef 5,25).

342. O Matrimónio é uma obrigação para todos?

O Matrimónio não é uma obrigação para todos. Deus chama alguns homens e mulheres a seguir o Senhor Jesus na vida da virgindade ou do celibato pelo Reino dos céus, renunciando ao grande bem do Matrimónio para se preocuparem com as coisas do Senhor e para procurar agradar-Lhe, tornando-se assim sinal do absoluto primado do amor de Cristo e da ardente esperança da sua vinda gloriosa.

343. Como se celebra o sacramento do Matrimónio?

Uma vez que o Matrimónio coloca os cônjuges num estado público de vida na Igreja, a sua celebração litúrgica é pública, na presença do sacerdote (ou da testemunha qualificada da Igreja) e das outras testemunhas.

344. O que é o consentimento matrimonial?

O consentimento matrimonial é a vontade, expressa por um homem e por uma mulher, de se entregarem mutua e definitivamente, com o fim de viver uma aliança de amor fiel e fecundo. Dado que o consentimento faz o Matrimónio, ele é indispensável e insubstituível. Para que o Matrimónio seja válido, o consentimento deve ter como objecto o verdadeiro Matrimónio e ser um acto humano, consciente e livre, não determinado pela violência ou por constrições.

345. Que se requer quando um dos esposos não é católico?

Para serem lícitos, os matrimónios *mistos* (entre católico e baptizado não católico) requerem a permissão da autoridade eclesiástica. Aqueles com *disparidade de culto* (entre católico e não baptizado) para serem válidos precisam duma dispensa.

Em todo o caso, é essencial que os cônjuges não excluam a aceitação dos fins e das propriedades essenciais do Matrimónio e que o cônjuge católico confirme o empenho, conhecido também do outro cônjuge, de conservar a fé e de assegurar o Batismo e a educação católica dos filhos.

346. Quais são os efeitos do sacramento do Matrimónio?

O sacramento do Matrimónio gera entre os cônjuges um vínculo perpétuo e exclusivo. O próprio Deus sela o consentimento dos esposos. Portanto o Matrimónio concluído e consumado entre batizados não pode ser nunca dissolvido. Este sacramento confere também aos esposos a graça necessária para alcançar a santidade na vida conjugal e para o acolhimento responsável dos filhos e a sua educação.

347. Quais são os pecados gravemente contrários ao sacramento do Matrimónio?

São: o adultério; a poligamia, porque em contradição com a igual dignidade do homem e da mulher e com a unicidade e exclusividade do amor conjugal; a rejeição da fecundidade, que priva a vida conjugal do dom dos filhos; e o divórcio, que se opõe à indissolubilidade.

348. Quando é que a Igreja admite a separação física dos esposos?

A Igreja admite a separação física dos esposos quando, por motivos graves, a sua coabitação se tornou praticamente impossível, embora se deseje uma sua reconciliação. Mas eles, enquanto vive o cônjuge, não estão livres para contrair uma nova união, a menos que o Matrimónio seja nulo e como tal seja declarado pela autoridade eclesiástica.

349. Qual é a atitude da Igreja para com os divorciados recasados?

Fiel ao Senhor, a Igreja não pode reconhecer como Matrimónio a união dos divorciados recasados civilmente. «Quem repudia a própria mulher e casa com outra comete adultério contra ela; se a mulher repudia o marido e casa com outro, comete adultério» (Mc 10, 11-12). Para com eles, a Igreja desenvolve uma atenta solicitude, convidando-os a uma vida de fé, à oração, às obras de caridade e à educação cristã dos filhos. Mas eles não podem receber a absolvição sacramental nem abeirar-se da comunhão eucarística, nem exercer certas responsabilidades eclesiais enquanto perdurar esta situação, que objectivamente contrasta com a lei de Deus.

350. Porque é que a família cristã é chamada Igreja doméstica?

Porque a família manifesta e realiza a natureza de comunhão e familiar da Igreja como família de Deus. Cada membro, a seu modo, exerce o sacerdócio baptismal, contribuindo para fazer da família uma comunidade de graça e de oração, escola das virtudes humanas e cristãs, lugar do primeiro anúncio da fé aos filhos.



NIGÉRIA

A falta de segurança é um dos problemas mais graves na Nigéria e é sentido de forma particular pela comunidade cristã. Além do rapto de sacerdotes, que a Fundação AIS tem denunciado, há também relatos de intranquilidade e medo entre as populações, nomeadamente na região chamada de Cinturão Médio, vítimas de ataques que estão a levar os agricultores a abandonar as suas terras o que lança o risco de fome na região.

SUDÃO DO SUL

A Fundação AIS lançou, em Portugal, uma campanha de sensibilização para a crise humanitária neste país de África, que tem também como objectivo auxiliar a Igreja Católica que tenta acolher, como pode, milhares de pessoas em desespero que fogem da guerra no Sudão... A Fundação AIS procura auxiliar a sobrevivência imediata de cerca de 500 famílias, o que significa, na prática, aproximadamente 3 mil pessoas, na sua maioria mulheres e crianças que se encontram no campo de refugiados em Malakal.

MOÇAMBIQUE

Os Cristãos de Mocímboa da Praia, uma importante vila costeira situada em Cabo Delgado, reúnem-se aos Domingos junto às ruínas da sua igreja destruída pelos terroristas que atormentam a região norte deste país africano de língua oficial portuguesa. A história de fé e de coragem destes fiéis foi divulgada pela Fundação AIS que aprovou, recentemente, um pacote de ajuda de emergência, no valor de 250 mil euros para a Diocese de Pemba.

 Dinamismo

 Inquietação

 Sofrimento

PAQUISTÃO

O Tribunal Antiterrorista de Sargodha “concedeu fiança a todos os acusados” no ataque e brutal agressão a 25 de Maio em Sargodha, de que resultou a morte do cristão Nazir Masih. No seguimento deste caso, a Comissão Nacional de Justiça e Paz, da Igreja Católica, apresentou recomendações às autoridades para uma melhor protecção das populações consideradas “mais vulneráveis”.

PAQUISTÃO

O Parlamento do Paquistão aprovou, por unanimidade uma nova lei que aumenta para 18 anos a idade mínima para o casamento de cristãos, alterando a legislação existente ainda do tempo colonial britânico. A Conferência Episcopal Católica saudou esta decisão por ser uma medida que contribui para proteger os menores cristãos de casamentos forçados.

FILIPINAS

A Conferência Episcopal das Filipinas atribuiu ao Padre Sebastiano d’Ambra, fundador do ‘Movimento Silsilah’, uma condecoração pelo seu trabalho em defesa do diálogo inter-religioso e como reconhecimento pelo “serviço excepcional e generoso” deste sacerdote italiano já octogenário. A Fundação AIS é parceira do ‘movimento Silsilah’, que foi fundado há cerca de quatro décadas.

TIMOR-LESTE

O anúncio da visita do Santo Padre a Timor-Leste, de 9 a 11 de Setembro, criou um sentimento de euforia na população e tudo está a ser preparado de forma intensa, com ansiedade e muita alegria. Um país marcado pelo subdesenvolvimento, onde a água potável é escassa, a alimentação pobre, as estradas más e onde há problemas ao nível da saúde, nomeadamente muitos casos ainda de tuberculose. Para a Irmã Cristina Macrino, uma enfermeira em missão em Bobonaro, apesar de tudo isto, receber o Papa “é uma forma de abençoar e de dar esperança ao povo...”.

CAMPANHA

1 MILHÃO DE CRIANÇAS

REZAM O TERÇO



Caros amigos, aproxima-se o dia **18 de Outubro**, no qual crianças de todo o mundo se unirão para participar na nossa grande campanha de oração, “**Um milhão de Crianças rezam o Terço**”, pela paz e a unidade.

Por favor, ajude-nos a divulgar esta iniciativa junto dos seus amigos, familiares, escolas e paróquias. Preparámos alguns materiais que poderá receber na sua morada para distribuir gratuitamente ou descarregar no site www.fundacao-ais.pt. Com a hashtag **#OneMillionChildrenPrayingtheRosary** poderá participar na campanha das redes sociais e divulgá-la. Desta forma, podemos tornar a nossa união na oração visível em todos os continentes. Ficamos à vossa disposição por telefone (217 544 000) ou email (apoio@fundacao-ais.pt).

Muito obrigado pela sua colaboração nesta jornada de oração!



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt